

Histórias reconstruídas: Laura Brandão na memória de seus descendentes*

Maria Elena Bernardes**

Este artigo enfoca o uso dos relatos orais na reconstituição de histórias de vida. Trata-se da biografia de Laura da Fonseca e Silva – depois do casamento com Octávio Brandão, Laura Brandão – (1891-1942). Filha de Domingos Leopoldino da Fonseca e Silva e Jacinta Cavalcanti, nordestinos de um lugarejo de Alagoas, o Engenho do Hortelã. Seu pai, Domingos, foi pedagogo, abolicionista e republicano. Viveu parte de sua juventude na cidade do Recife, mas sua trajetória perpassa grande parte do país. Como professor, viajava pelo Brasil abrindo escolas. Por esta razão, Laura passou sua infância e adolescência migrando de um estado para outro e, desta maneira, conheceu quase todo o Brasil. Sua mãe Jacinta, boa cozinheira e costureira, bordava com mãos de fada.

Sua vida familiar fugia aos padrões da época. Vivia-se o ano de 1909. Aquele era um tempo em que, via de regra, as mulheres se casavam e assim permaneciam até a viuvez. Mas, para Jacinta, o tempo de suas vivências particulares contavam mais. Com três filhos – Laura, Tercina e Bel – separa-se de Domingos. As verdadeiras razões nunca foram relatadas – pelo menos seus descendentes não registraram em suas memórias. Philippe Ariès observou que é difícil para o historiador interpretar o silêncio que reina sobre os vastos domínios da vida: ora ele significa a indiferença ou

* Este texto parte da dissertação de mestrado *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política* (Bernardes, 1995).

** Pesquisadora do Centro de Memória-UNICAMP.

a ignorância, ora o pudor e o segredo. Existem coisas que não se dizia: o amor conjugal era uma delas (Ariès, 1987, p.153-159). Talvez Jacinta tenha se cansado do espírito aventureiro de Domingos, ou o amor tivesse acabado, ou ainda, quem sabe, outros amores!

Com os pais separados, Laura passou a viver junto com a mãe e os dois irmãos na casa do tio-avô, Conselheiro Lourenço Cavalcanti de Albuquerque. Com dezoito anos de idade, Laura não parecia preocupada com o que certamente mobilizava as moças de sua idade. Os padrões de comportamento ditavam que o ideal de toda moça deveria ser o casamento. Longe disso, Laura não parecia acreditar no casamento e maternidade como destinos. Ao contrário, este foi o período de sua maior produção poética: além de estudar música e piano, publicou quatro livros de poemas.¹ É nesta época também que se firma como declamadora reconhecida nos salões literários do Rio de Janeiro. O da casa de Rui Barbosa, por exemplo, era um dos mais requintados salões cariocas, o que conferia maior prestígio aos seus frequentadores. Laura organizava reuniões sociais e usufruía ao máximo da companhia dos artistas que frequentavam a casa do Conselheiro Albuquerque, como o compositor Glauco Velásquez, o poeta Hermes Fontes, o artista plástico Antônio Parreiras, o poeta e escritor Olavo Bilac, a pintora Tarsila do Amaral, a violinista Paulina D'Ambrosio e a poeta Julia Cortines, entre outros.

Provavelmente influenciada pela poesia de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia – poetas que ela admirava e com quem mantinha relações próximas – suas primeiras composições, editadas no livro *Poesias* (1915), são vinculadas ao rigor Parnasiano. Daí por diante, distanciou-se do Parnasianismo, abandonou a métrica e seus versos ficaram soltos, menos objetivos, mais musicados, adquiriram cor e luz; próximos do Romantismo.

Entretanto, sua visibilidade e prestígio, enquanto poeta na sociedade letrada carioca, não eram acompanhados de uma remuneração que lhe garantisse o sustento – o que, aliás, acontecia com outros poetas e literatos renomados, que não conseguiam prover suas necessidades materiais com a literatura. O prestígio social dos homens de letras, no final do século XIX e início do século XX, nem sempre condizia com a condição

1 *Poesias* (1915), *Imaginação* (1916), *Meia Dúzia de Fábulas* (1917) e *Serenidade* (1918).

econômica em que viviam (ver Pereira, 1995). Laura, com o poema *Entre Artistas*, protestava:

Entre artistas não deve ser assim
Como na sociedade:
É preciso outras leis para esta gente
Que vive do que sente [...]
para esta gente aflita,
Que, no meio de tanto horror, inda acredita
Na coragem, na Luz; [...]
E esta gente que luta, sofre e pensa, às vezes
Abandonando um pouco as coisas graves,
Procura a fantasia e canta como as aves [...]

Por esta razão, nem só de poesia se fazia a vida de Laura. Desde cedo se dedicou ao professorado. Começou sua carreira de professora aos quatorze anos, lecionando em São Paulo, no colégio de seu pai, onde respondia pela classe do Jardim da Infância. No Rio de Janeiro, nos anos de 1912 e 1913, lecionou no Instituto Amante da Instrução, situado à Rua Ipiranga. Era um instituto para crianças órfãs. De 1917 a 1919, lecionou no Instituto Lafayette, onde foi também diretora do jardim da infância. Este instituto era uma ampla escola, situado à Rua Conde de Bonfim 743, no bairro da Tijuca. Contava com seis modernos prédios, numa chácara de cem mil metros quadrados, toda arborizada, onde eram ministrados cursos de jardim da infância, primário e complementares. Oferecia ainda o curso fundamental de seis anos que era organizado para preparar alunos para os exames perante as bancas examinadoras do Departamento Nacional de Ensino. Seu corpo docente era especializado. Quase todos eram formados em Universidades ou pela Escola Normal.² Em 1921, lecionou no Colégio Batista Americano/Brasileiro, situado à Rua Dr. José Hygídio, nº 350, na Tijuca. Uma das práticas do magistério, naquela época, era ministrar aulas particulares. Laura ensinou filhos de famílias ilustres como, por exemplo, as netas de Benjamim Constant, um dos fundadores

2 Anuário: 1919/1920, Rio de Janeiro, disponível no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; e *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07 fev. 1929, p.11.

da República no Brasil. Ensinou também as netas do poeta Luís Murat. Na função de preceptora, viajou para Paris com a família do escritor João Ribeiro, onde viveu em Saint-Cloud, entre maio e agosto de 1912.³

Vivenciando o duplo papel que sua condição de poeta reconhecida nos salões literários e de mulher trabalhadora lhe impunha, Laura, ao que parece, não estava muito preocupada com os códigos ditados pela moral vigente. O primeiro indício era que ela estava solteira com vinte e um anos. Longe das normas da “conveniência predominante”, recebia em sua casa e era recebida pelos seus amigos homens, inclusive em encontros a sós, e não apenas em ocasiões sociais. Estes encontros intimistas quase sempre eram celebrados para compartilhar experiências artísticas. Em 1912, por exemplo, o pintor Antônio Parreiras a convidou para visitá-lo em seu atelier situado à Rua Tiradentes 47, em Niterói, conforme ficou registrado neste bilhete: “Saudações respeitosas: Na segunda-feira e na terça-feira da próxima semana estarei em casa, afim de mostrar-lhe os meus borrões. Muito grato pelo prazer de sua visita ficaria. O respeitoso servo e admirador”.⁴ Laura, de maneira silenciosa, subvertia a ordem estabelecida e em versos atestava:

Não há nada mais digno de respeito que a independência na mulher que é pura.

Intérprete de Castro Alves, Laura recitava suas poesias e as dos amigos poetas. Olavo Bilac, com quem recitava os seus versos, era rigoroso. Dizia: “tenho vontade de meter-me embaixo da mesa quando, numa sala, alguém diz que uma moça vai recitar versos meus”. No entanto, referindo-se a ela numa reunião literária na casa de Coelho Neto, disse: “ouvir Laura é ouvir a própria poesia”.⁵

Em 1921, casou-se com o comunista Octávio Brandão, “sem padre e sem juiz”. Para a época, sem dúvida, foi uma atitude de coragem e

3 *A Imagem de Laura Brandão*, p. 19. Inventário Octávio Brandão, Arquivo Edgard Leuenrouth, IFCH-UNICAMP, pasta 120; e *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1955.

4 Bilhete manuscrito e assinado por Antonio Parreiras em 31 de maio de 1912. Arquivo Edgard Leuenrouth – IFCH-UNICAMP, parte 2 – não catalogado.

5 *A Imagem de Laura Brandão*, p. 60.

rebelia. Certamente, foi uma crítica ao contrato de casamento e a posição anticlerical defendida por ambos. Do casamento com Octávio, teve quatro filhas: Sáttva (1922), Vólia (1923), Dionysa (1925) e Valná (1932). As três primeiras são brasileiras. A última nasceu em Moscou.

Após o casamento, Laura foi se distanciando lentamente da elite literária da qual fazia parte. Junto com Octávio, envolveu-se com o mundo dos comunistas e trocou os salões literários pelas ruas, greves operárias, reuniões sindicais e a redação do jornal *A Classe Operária*, órgão oficial do PCB (Partido Comunista do Brasil). Sempre presente em comícios com “as filhas pelas mãos”, sua participação mais relatada é a do episódio da Praça Mauá, no Rio de Janeiro, em 25 de maio de 1929, num comício organizado em solidariedade à greve dos gráficos em São Paulo, quando Laura, numa liderança ímpar, dominou os soldados que avançavam contra os manifestantes.

Como militante de esquerda, atuou ao lado do Partido Comunista Brasileiro, embora nunca tenha se filiado a ele. Com a militância vieram as prisões, a polícia na porta de sua casa acompanhando os passos de Octávio Brandão, a vida de privações a que foi submetida pelas circunstâncias da conjuntura política que o país vivia. Desde 1922, dedicou-se à literatura marxista. Sua militância feminista se deu junto ao Comitê de Mulheres Trabalhadoras (1928), ligado ao Bloco Operário Camponês, do qual foi uma das fundadoras.

Deportada pelo Governo Getúlio Vargas em 1931, partiu para o exílio com a família para Moscou. Os dez anos ali vividos foram mais que suficientes para que ela experimentasse as dificuldades enfrentadas por um país que se organizava em torno de uma perspectiva comunista, na qual Laura via também as possibilidades de uma nova vida. Seu trabalho durante quatro anos como redatora e locutora na Rádio de Moscou e as condições de trabalho que o país oferecia às mulheres devolveram a ela a possibilidade de viver sem abdicar ou hierarquizar as coisas que lhe eram importantes: a família, a luta pela igualdade social, a liberdade, a poesia e o amor. Desse modo, finalmente, ela conseguiu juntar as pontas de sua vida que por vezes haviam ficado tão quebradas.

Mas, nem tudo foi como ela idealizou. Passou a viver uma grande contradição: se, de um lado, ela reconhecia em Stalin um grande líder que foi capaz de enfrentar Hitler, de outro, não suportava presenciar o terror causado por ele com a perseguição, prisão e fuzilamento de tantos companheiros.

* * *

Na tentativa de reconstruir a trajetória de Laura, aprofundi-me nos rastos que dela restaram. Suas cartas pessoais, caderno de recordações, poemas, fotografias e artigos registrados na imprensa a respeito de sua vida, aos poucos foram juntando-se e, como num quebra-cabeça, a história tomava forma. Cada carta decifrada, muitas vezes com uma caligrafia difícil, o papel amarelado por quase um século de existência, guardava um “segredo” que agora, desvendado, revelava novos sentidos. Entretanto, esses documentos, cuidadosamente guardados por tantos anos, traziam consigo um significado especial. Afinal, é normal que se queira guardar a melhor imagem, aquilo que julgamos ser o lado mais positivo das pessoas que nos são caras. Estes papéis guardavam consigo um lado da história e mostravam-me seus limites. O dia a dia das pessoas nem sempre é valorizado e os registros neste sentido são quase inexistentes.

Para preencher esta lacuna, lancei mão da história oral que ajudou a esclarecer, ou ainda revelar, aquilo que os documentos escritos não elucidavam. Na busca de escutar outras vozes, gravei depoimentos de pessoas de seu convívio. Neste caso, não houve uma seleção prévia dos entrevistados. Ao contrário, saí a procura de todas as pessoas que ainda estavam vivas e que de alguma maneira mantiveram contato com Laura.

Afinal, o relato oral é uma oportunidade de reflexão para aquele que se dispõe a falar e para aquele que, apesar de estar na posição de “ouvir”, é constitutivo deste momento. As lembranças vão surgindo num exercício para recuperar décadas por onde transitam a memória. O passado é reelaborado como um fio que tece um novo cenário do qual, muitas vezes, o próprio depoente ainda não se deu conta. O cotidiano, que à primeira vista não possuía relevância, adquire uma nova forma, uma nova cor. Nas palavras de Ecléa Bosi:

[...] a memória assume uma função decisiva, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também desloca estas últimas ocupando o espaço da consciência [...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstituir, repensar com imagens e idéias de hoje experiências do passado. (Bosi, 1979, p.17).

Vólia, Dionysa e Valná, filhas de Laura, num exercício doloroso de memória, garimparam em suas lembranças imagens permeadas pela guerra, o exílio e a segregação da família. Desse modo, passaram a limpo a história de suas vidas. A narrativa destes fatos veio à tona misturada com muita emoção. E é, em grande parte, justamente por causa deste registro emotivo que a memória é seletiva, falível e fantasiosa. Por isso mesmo, a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas ou visuais: nenhuma dispensa o filtro do historiador. O importante é saber porque o entrevistado foi seletivo ou omissivo, já que esta opção certamente também tem um significado.

Foi através das lembranças de Valná, a filha mais nova de Laura, que pude saber como se deu o encontro de seus avós, Domingos e Jacintinha, pais de Laura. Suas lembranças nos levaram ao final do século dezenove, no interior do Nordeste, mais precisamente num lugarejo de Alagoas, o Engenho do Hortelã. Na sede deste engenho, numa casa branca, pintada a cal, com varanda e pilares, morava Jacinta. Na varanda, sob a brisa que balançava as palmeiras e com o sol refletido na cristalina Lagoa Manguba, iluminando os olhos com luzes de cores variadas, Jacinta conversava com o primo Domingos, que estava de visita, vindo do Recife. Poderia ser um dia qualquer daquela primavera ensolarada, mas acabou sendo um dia muito especial. O rapaz, maroto e perspicaz, pegou de surpresa a prima desavisada e inventou a seguinte história: numa tarde de domingo, querendo bisbilhotar a conversa de seus respectivos pais, meteu-se debaixo da mesa e, para sua surpresa, descobriu que o assunto nada mais era que o casamento dos dois primos. A prima, que na verdade gostou da idéia, simulou que caíra na lábia do primo. Não era tão desavisada assim. Ele, bom de papo e de imaginação fértil, propôs a ela um casamento “fugido” pois assim ganhariam tempo. Ela, sem muito pestanejar, aceitou a proposta e fugiu com ele. Casal fugido é fato consumado. Nada mais a fazer a não ser preparar o enlace. E, ainda na primavera, em novembro de 1890, casaram-se na cidade de Maceió, nas Alagoas. Assim teria começado, segundo a memória consagrada por seus descendentes, a história de Domingos Leopoldino da Fonseca e Silva e Jacinta Cavalcanti.⁶

6 Conforme depoimento gravado com Valná Brandão em 17 de junho de 1994, no Rio de Janeiro, RJ.

Um outro cenário, sem o lirismo da história que começou lá no Engenho do Hortelã – a separação da família em decorrência da guerra –, foi desvendado através das recordações de Valná e Dionysia. Dionysia iria completar quatorze anos e Valná ainda não havia completado nove anos. Era 11 de julho de 1941, vinte dias após a invasão alemã, quando as crianças foram evacuadas de Moscou. Laura, com o coração amargurado, pegou um lençol, colocou as roupas das duas filhas menores e fez uma trouxa. Em silêncio, desceram à rua do Hotel Lux e foram para a estação onde ficaram horas sentadas esperando o trem. No silêncio da espera talvez houvesse a certeza que se tratava de uma despedida definitiva. Laura lembrou mais uma vez que estavam em guerra e que a disciplina era fundamental. No mesmo vagão de um trem carregado de crianças, embarcaram Dionysia, Valná e Roberto, filho de Lúcia Prestes. O trem foi saindo devagarzinho e Laura deu uma corridinha para acenar com mão: “Eu nunca mais vi a mamãe. Essa é a última imagem que tenho dela”,⁷ recorda-se Valná, muito emocionada.

Em meio às recordações que ficaram e outras varridas pela guerra, o choro acaba sendo a revelação da dor sentida há décadas. Provavelmente, elas não tiveram a oportunidade de chorar quando se separaram da família. Naquele momento, não havia tempo nem espaço para a manifestação de qualquer sentimento.

Foi o relato de Dionysia que me permitiu decifrar a quem era endereçada esta carta bastante codificada – naturalmente por causa do momento de repressão que o país vivia – escrita por Laura em 1930:

Padrinho de Sáttva: Parece-me que andei bem agindo com segurança. O dinheiro corresponde a um mês de subsídio [junho] e um [...] [outubro]. O salário do compadre já tirei [dois meses 1:200\$000]. O compadre está inquietíssimo. Não pode estar parado. Já me escreveu treze cartas. Destas, o diretor do colégio já me fez rasgar três. No dormitório estão 68 alunos. Ele me diz que é um pandemônio! É um confucionismo medonho. Resumo do **Brasil** todo. Como deve já saber, o Xavier está com o coleguinha do seu compadre. Eu estou de cama: a mesma coisa que por ocasião

7 Conforme depoimento gravado com Valná Brandão em 17 de junho de 1994, no Rio de Janeiro, RJ.

da Vitória do grande campeonato em outubro de 1928. Mas não é nada. Sinto-me forte e pronta para assumir ordens logo que me levante. Saúde e um grande abraço a todos que perguntarem por mim. A mãe da afilhada.⁸

Segundo Dionysa, tratava-se de Astrojildo Pereira.⁹ Ele havia sido testemunha na certidão de nascimento de Sáttva e por esta razão Laura e Octávio o consideravam seu padrinho.

Através das memórias de Nádía Abreu, que quando menina foi vizinha de Laura na Rua do Curvelo, no Rio de Janeiro, foi possível estabelecer algumas conjecturas a respeito da vizinhança que lá se reunia na terceira década do século XX. Era uma pequena e bucólica rua rodeada de flamboyants que, com suas flores rubras, contrastavam com as trepadeiras de variadas cores. As revoadas dos pássaros, beija-flores e borboletas completavam a paisagem que teria inspirado poesias para, pelo menos, dois ilustres moradores: Laura e Manuel Bandeira. Talvez tenha sido o acaso que reuniu naquela pequena rua com cerca de meio quilômetro de extensão, no bairro de Santa Teresa, pessoas como Nise de Silveira, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Rachel de Queiroz, Laura e Octávio Brandão, além de Álvaro e Zólia Teixeira Abreu, Júlio e Ester Hauer, Sana-Khan – um armênio que se dedicava à quiromancia, dona Mariquinha, mulher de um velho alfaiate. No entanto, há quem duvide. Nádía aposta que pelo menos Zólia Abreu Teixeira, Nise da Silveira e Laura Brandão já se conheciam anteriormente e que o fato de se reunirem na pequena Rua do Curvelo não foi nenhum acaso. Sua mãe, dona Zólia, viera do Espírito Santo, em 1928, e em pouco tempo estabeleceram-se laços muito profundos entre eles. Na sua opinião, a coincidência pode ter sido uma espécie de acerto político entre companheiros.¹⁰

8 Carta de próprio punho de Laura, datada de outubro de 1930, *Fundo Octávio Brandão*, pasta 118.

9 Astrojildo Pereira (1890-1965) foi um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1922. Naquela ocasião foi eleito Secretário Geral do Partido. Dentre tantas tarefas assumidas junto ao PCB, fez parte do Comitê da Internacional Comunista e foi, junto com Octávio Brandão, um dos principais redatores do jornal *A Classe Operária*, em 1925.

10 Nádía Abreu Teixeira, filha de Álvaro e Zólia Abreu Teixeira. Depoimento gravado em 18 de junho de 1994, no Rio de Janeiro, RJ.

Esta cumplicidade é relatada pela própria Nise.¹¹ Nas suas memórias, Laura é lembrada como uma pessoa afável e cordial, muito embora não fosse de intimidades e nunca visitasse a vizinhança. Mas Nise ia quase todos os dias à sua casa e freqüentemente almoçava com ela. Nise havia sido uma menina rica que, com a morte do pai, viera “naufragada” para o Rio. Laura contribuiu muito para que Nise se adaptasse à sua nova condição de mulher pobre e descobrisse que era possível ser feliz e alegre. Com Brandão, as relações de Nise eram tumultuadas. Ela era apaixonada por Tolstói e Brandão a criticava por isso. Nas discussões, Laura ficava quieta, de fora, e sorria. Preparava um cobertor no chão, perguntava o que queriam ler. Brandão e Nise deitavam-se neste cobertor e ficavam horas lendo. Liam *Le Monde*, revistas francesas e outros periódicos.

Nise relata ainda como nasceu o poema *Flamboyant*, publicado no Jornal *A Classe Operária*, em maio de 1929. Laura havia saído, muito provavelmente para alguma atividade política, e Nise havia ficado em sua casa para fazer companhia para as filhas. Laura chegou por volta do meio dia, cansada e suada por causa do esforço de ter subido a pé os morros de Santa Tereza. Era janeiro e, como sempre, o verão era rigoroso no Rio de Janeiro. Apesar do adiantado da hora, ela foi logo dizendo às meninas e a Nise, num largo sorriso: “você vão esperar um pouco, pois antes do almoço tenho que escrever um poema”. Explicou que encontrou no caminho um maravilhoso flamboyant florido e a árvore despertara o nascimento de um poema que estava fervilhando em sua cabeça. Foi logo pegando lápis e papel – os poetas têm o estranho poder de perceber a poesia até mesmo na rotina dos acontecimentos do dia a dia. “Naquela atmosfera que dela irradiava, com os olhos luzindo das alegrias da criação, o modesto almoço parecia um banquete”, recorda-se Nise.

Brandão, por sua vez, passou na cadeia grande parte do tempo em que viveram na Rua do Curvelo. “Quando se livrava da prisão e voltava para casa, nunca era recebido com apreensões; ao contrário, havia sempre um canto de esperança à sua espera. Laura estava sempre alegre e com um poema para recebê-lo”.

11 Conforme depoimento de Nise da Silveira cedido ao Arquivo Edgard Leuenroth-UNICAMP, gravado em 19/06/92, no Rio de Janeiro, RJ. Nise da Silveira, médica psicanalista, foi fundadora e diretora do Museu do Inconsciente, no Rio de Janeiro, RJ.

Em outra ocasião, em uma noite depois do jantar, Laura lavava a louça e Nise enxugava; as três meninas dormiam e Brandão não estava. Na verdade, não se sabia por onde ele andava. Talvez na cadeia. Enquanto ensaboava os pratos, Laura contava a história do *Pássaro Azul*, de Maeterlinck, que a amiga não conhecia.¹² A história desenvolvia-se numa atmosfera encantada, mágica, iluminada pela poesia, onde uma fada oferecia a duas crianças a possibilidade da felicidade completa, desde que encontrassem o Pássaro Azul. Assim, os dois meninos percorreram longa distância no país dos sonhos, recomendado pela fada, à procura do tal pássaro. Por fim, descobriram que o que procuravam estava o tempo todo muito perto deles, como definiu François Albert-Buisson: “Ai de nós: o pássaro azul da felicidade, só existe para lá dos limites deste mundo perceptível, mas aqueles que têm coração puro jamais hão de procurá-lo inutilmente...” (Maeterlinck, 1962, p. 31). Quem sabe, disse Laura, se o Pássaro Azul não mora nesta casa, se ele não está aqui, neste instante! Sim, é certo, concluiu Nise, embora isso parecesse absurdo, a felicidade morava naquele tempo na Rua do Curvelo nº 11. Mas, como ela mesma assinala, “era preciso ter os olhos de Laura para vê-la, ou que ela ensinasse outros a descobri-la nas coisas simples”.¹³

Parte do cotidiano da família, na pequena casa nº 11 da Rua do Curvelo, pôde ser reconstruído por meio das memórias de Vólia, a segunda filha de Laura. Quando Sáttva completou seis anos de idade, Laura começou alfabetizá-la. Vólia que tinha cinco anos, quis também aprender. Laura comprou para ambas *A Cartilha das Mães*, onde cuidadosamente escreveu o nome de cada uma. Só após dominarem as primeiras palavras partiram para o aprendizado de todo o alfabeto. Uma vez alfabetizadas, Laura dava-lhes como tarefa de leitura as poesias de Olavo Bilac e as fábulas de Esopo. Liam também os poemas de Laura, em especial *Meia Dúzia de Fábulas*, ocasião em que a mãe lhes explicava porque aquele livro fora tão criticado pela “burguesia” na época de sua publicação. A palavra “burguesia” era sempre repetida para que as crianças, desde cedo, pudessem

12 Maurice Maeterlinck, escritor Belga, Prêmio Nobel de Literatura em 1911, pela Academia Sueca, escreveu peças para teatro, entre elas, *L'Oiseau Bleu*, montada em Paris em 1911. Esta peça rompia deliberadamente com a tradição do teatro clássico francês.

13 Conforme depoimento escrito e assinado por Nise da Silveira. Fundo Octávio Bransão, pasta n. 123.

aprender o seu significado. Ensinou-lhes também a primeira estrofe em francês de *Marselhesa*, recitava Dante, falava de Petrarca e dos mitos da Grécia antiga. Octávio as corrigia quando as mesmas infringiam as regras gramaticais. Laura, por sua vez, quando queria realçar alguma coisa de gramática, citava os poemas. Em casa, enquanto fazia seus afazeres, Laura declamava os poemas de Camões, Castro Alves, Gonçalves Dias e assim as meninas aprendiam novas palavras e novas construções gramaticais.¹⁴

O conturbado cotidiano, por causa do envolvimento político de seus pais, também é lembrado por Dionysia e Valná. A casa era diariamente vigiada pela polícia, na qual mantinha um agente policial de plantão, o tempo todo. Octávio Brandão, que andava disfarçado, contava com a ajuda dos vizinhos e até das crianças para poder entrar e sair de casa. A pequena Sáttva, filha mais velha do casal, com apenas seis anos de idade, era quem dava sinais ao pai para avisar se o policial estava ou não na vigília. Brandão ficava escondido aguardando o momento em que o policial por algum motivo se distraísse. Era quando Sáttva, que ficava na porta brincando, levantava a boneca. Este era um dos códigos usados para que Brandão pudesse entrar em casa.¹⁵

Vólia também nos conta que, naquela ocasião, Laura foi presa junto com as três meninas. Elas haviam saído para um passeio quando um policial aproximou-se e disse que estavam presas. Laura pediu permissão para que, antes pudesse levar as crianças à casa de uma vizinha, mas não foi autorizada. Na delegacia, foram colocadas em uma saleta onde ficaram horas esperando. A polícia procurava Octávio e queria saber de seu paradeiro. As três haviam sido educadas para nada revelar à polícia. Desta maneira, nada foi revelado. Até porque, segundo Vólia, elas não sabiam mesmo por onde andava o pai.¹⁶

Nas recordações de Vólia, Laura sempre se manteve serena em todas as situações duras que enfrentou ao longo dos anos de sua militância. Em uma das vezes em que Octávio esteve preso, Laura foi visitá-lo na cadeia, juntamente com as três meninas, que costumavam acompanhá-la

14 Conforme depoimento escrito de Vólia Brandão de Miguelena. México, 26 de junho de 1995

15 Conforme depoimentos de Dionysa e Valná Brandão gravados em 17 de junho de 1994, no Rio de Janeiro, RJ.

16 Conforme depoimento de Vólia Brandão, escrito no México em 02 de julho de 1995.

nessas ocasiões. Ela acreditava que com a presença das crianças a polícia pudesse ter um pouco mais de consideração. Mas, daquela vez, parece que sua tática não deu certo. Não permitiram que Laura entrasse e nem que Octávio viesse até a saleta de visitas porque ele estava incomunicável. Partiu dos policiais a sugestão para que as três crianças fossem até o cubículo onde ele estava detido. A intenção era castigar Octávio, mostrando às filhas a situação degradante em que ele se encontrava. Laura concordou e sorrateiramente colocou na mão de Vólia um bilhete que deveria ser entregue a Octávio. Acompanhadas de um policial, as três crianças adentraram o pátio da prisão sob olhares dos presos que tomavam sol. No final do corredor, depois de atravessarem muitas portas com grades, chegaram no cubículo. Ficaram com ele apenas alguns minutos. Ao abraçá-lo, Vólia passou para suas mãos o bilhete de Laura.

Já vivendo em Moscou, quando exilados, Dionysia relatou a maneira como via os sentimentos da mãe. Para ela, Laura não suportava presenciar a perseguição de tantos companheiros, imposta pelo partido comunista. A política cega e fanática reproduzida pelo partido de Stalin estava longe da política humana que Laura pretendia construir. Talvez o seu protesto tenha sido não se filiar nunca ao Partido Comunista – sua atuação sempre se deu ao lado do Partido como colaboradora simpatizante. Se filiada fosse, estaria assinando as regras e a servidão impostas aos seus militantes. Em 1937, quando à noite, no hotel Lux, ouviam-se passos, significava que mais um camarada era levado e que nunca mais voltaria. Nessas ocasiões, Laura não continha sua indignação e muitas vezes chorou.¹⁷

Lycio Hauer, na época, era um menino de dez anos. Ele mantinha o olhar atento na casa nº 11 da Rua do Curvelo. Era apaixonado pela menina Vólia. Em suas recordações, ele lembra da tranquilidade em que viviam na pequena rua de Santa Teresa. No verão, as vizinhas conversavam na calçada e as crianças brincavam na rua até nove horas da noite. Todas as casas tinham a porta da frente dividida ao meio e davam diretamente para rua. O calor do Rio impunha que as portas ficassem sempre abertas.

17 Conforme depoimento gravado com Dionysa Brandão, cedido ao AEL, em 18 de junho de 1992 no Rio de Janeiro, RJ.

Então, o menino observava que, à noite, Laura arrumava as meninas, dava-lhes um copo de leite e contava-lhes estórias.

Engraçado – diz ele –, parece uma coisa tão insignificante, mas para mim não era, pois minha mãe não fazia o mesmo. Eu admirava muito dona Laura. Primeiro porque eu a achava muito bonita, e também porque ela tinha uma personalidade muito forte. Na vizinhança, todos diziam que ela era o *homem da casa*. E olha que o marido dela era um homem de personalidade. [...] Alguma coisa de diferente que eu não sei definir marcava a personalidade dela. Andava sempre depressa, com passos firmes; de longe era possível reconhecer quando ela vinha chegando... Tinha sempre um olhar firme e decidido. Contava-me histórias sobre a guerra do Paraguai e as mocinhas da rua sempre a procuravam para conversar. Nunca se metia nas intrigas da rua. Talvez seja por isso que a imagem de dona Laura ficou tão fortemente marcada em minhas lembranças de menino.¹⁸

São também dele as lembranças da deportação da família do país. Na pequena Rua do Curvelo, o clima era de grande desolação, rememora Lício emocionado. Dona Zólia, sua mãe, presenteou as meninas costurando-lhes vestidos para o frio. A despedida na casa da família Hauer confirmava o que Laura jamais desejou. Júlio Hauer prefaciou o livro *A Mão, Sonhos e Destino*, escrito por Sana-Khan, um estudioso da quiromancia, que também morava na Rua do Curvelo. O livro continha interpretações das mãos de várias personalidades do Rio de Janeiro, entre elas Manuel Bandeira, Octávio e Laura. Júlio, que também gostava de praticar a leitura das mãos, afirmava que Brandão voltaria ao Brasil, mas Laura não. Com muita tristeza, ela sorriu, e disse: “ainda bem que eu não acredito em nada disso!”

Mas as previsões, infelizmente, foram confirmadas. No exílio, que durou dez anos, Laura vivenciou a segregação da família imposta pela guerra e nunca pôde voltar ao seu país. Morreu vítima de leucemia, na tarde gelada do dia 28 de janeiro de 1942, em Ufá, na ex-URSS, longe dos amigos, da família e do Brasil, que ela tanto amava.

18 Conforme depoimento de Lício Hauer, filho de Júlio Hauer e Ester Hauer, no dia 17 de julho de 1993, em Petrópolis, RJ.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Ltda, 1979.
- MAETERLINCK, Maurice. *O pássaro Azul*. Tradução de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1962.
- PEREIRA, L.A.M. *O carnaval das Letras: os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

Fontes manuscritas

- Carta de Laura a Astrojildo Pereira. Rio de Janeiro, out. 1930.
- Bilhete de Antonio Parreiras a Laura. Rio de Janeiro, 31/05/1912.
- Depoimento escrito de Vólia Brandão de Míquelena. México, 26/06/1995.

Fontes impressas

- BRANDÃO, Octávio. *A Imagem de Laura Brandão*. Mimeo. 1947.
- Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 07/02/1929.
- Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 30/01/1955.

Fontes orais

- Depoimento de Valná Brandão. Gravado em 17/06/1994, no Rio de Janeiro, RJ.
- Depoimento de Dionysa Brandão. Gravado em 17/06/1994, no Rio de Janeiro, RJ.
- Depoimento de Nádia Abreu Teixeira. Gravado em 18/06/1994, no Rio de Janeiro, RJ.
- Depoimento de Nise da Silveira. Cedido ao Arquivo Edgard Leuenroth-UNICAMP, em 19/06/1992, no Rio de Janeiro, RJ.
- Depoimento de Dionysa Brandão. Cedido ao Arquivo Edgard Leuenroth-UNICAMP, em 18/06/1992, no Rio de Janeiro, RJ.
- Depoimento de Lycio Hauer, filho de Júlio Hauer e Ester Hauer. Gravado em 17/07/1993, em Petrópolis, RJ.

Resumo: Este artigo enfoca o uso dos relatos orais na reconstituição de histórias de vida. Trata-se da biografia de Laura Brandão, uma poeta e militante comunista do início do século XX. Neste caso, a metodologia da história oral ajudou a esclarecer, ou ainda revelar, aquilo que os documentos escritos e visuais não elucidavam a respeito de sua trajetória.

Palavras-chave: Laura Brandão; biografia; relatos orais.

Rebuilt Histories: Laura Brandão in the Memory of Her Descendants

Abstract: In this article we aim to discuss the role of oral narratives in the reconstitution of people's life history. We focus on Laura Brandão's biography, who was a poetess and communist militant in the early years of the XXth century. In Laura Brandão's case, the use of oral narrative methodology was essential to clarify, or even reveal, some facts that weren't inferable from written and visual records.

Keywords: Laura Brandão; biography; oral narrative.

